

ANAIS DO
VIII SIMPÓSIO NACIONAL DOS PROFESSORES
UNIVERSITÁRIOS DE HISTÓRIA

Organizado pelo Prof. *Eurípedes Simões de Paula*

A PROPRIEDADE RURAL

VOLUME I

LXIV
Coleção da *Revista de História*
Sob a direção do Professor
Eurípedes Simões de Paula



SÃO PAULO — BRASIL
1976

A PROPRIEDADE RURAL NAS GEÓRGICAS DE VERGÍLIO (*).

MARILDA CORREA CIRIBELLI

da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de
Vassouras (R.J.) e do Instituto de Filosofia e Ciências
Sociais da Universidade Federal do Rio de
Janeiro.

INTRODUÇÃO.

Nossa intenção ao redigirmos esta Comunicação é, somente, apresentar uma síntese dos estudos que estamos realizando sobre a contribuição das *Geórgicas* de Vergílio à Ciência Agrônômica na Roma Antiga.

Não reivindicamos qualquer originalidade para este trabalho porque o consideramos apenas um Ensaio que nos permitirá maior aprofundamento nas *Geórgicas*, obra que nos despertou vivo interesse por suas informações sobre a Agricultura Romana.

O poema de Vergílio, obra clássica e verdadeiramente romana é de grande interesse para o estudo da propriedade rural. Embora seu objeto seja o camponês, todo seu canto gira em torno dos campos e da vida rústica. Suas fontes agrônômicas, agrícolas, geológicas, botânicas, ao lado do seu próprio conhecimento dos campos e dos problemas da terra, dão às *Geórgicas* um caráter sério, cujo conteúdo revela técnica digna de especialista e são de importância para os historiadores da matéria.

A grande originalidade de Vergílio está no fato do poeta ter escrito sobre a pequena propriedade, ao contrário do que fizeram auto-

(*) — Comunicação apresentada na 1ª Sessão de Estudos, Equipe A, no dia 2 de setembro de 1975 (*Nota da Redação*).

res romanos, como Catão, Varrão, Plínio e Columela que estudaram as grandes extensões territoriais, o latifúndio.

O pensamento Vergiliano nas *Geórgicas* (II, 412) é claro: *laudatio ingentia rura exguum colito* (exalta tanto quanto deseje a grande propriedade, mas saiba cultivar seu pedaço de terra).

Procuramos também realçar como nas *Geórgicas*, Vergílio deplora a ruína dos “pequenos proprietários” e ensina aos camponeses os melhores métodos de cultivo como as formas de atenuar suas dificuldades no trato da terra.

As *Geórgicas* são fonte de grande importância para os estudiosos da ciência-agronômica em Roma, não só pela matéria contida, nos seus quatro livros (no Primeiro trata da lavoura, da cultura dos campos, no Segundo da arboricultura e viticultura no Terceiro da zootécnica e no Quarto da criação das abelhas), mas por seus ensinamentos técnicos estarem em grande parte de acordo com a Ciência Moderna.

* *
*

I. — PRELIMINARES.

1. O — DADOS BIOGRÁFICOS SOBRE VERGÍLIO.

Públio Vergílio Marão nasceu em Andes (70 a.C.?), perto de Mântua, Norte da Itália. Poucos pormenores conhecemos sobre sua vida íntima. Sabemos que seus parentes habitavam em uma aldeia, Andes, hoje Pistóia, porque encontramos evocação de sua paisagem nas *Geórgicas*. Há controvérsias quanto à profissão de seu pai. Para alguns, seria oleiro, para outros, criador de abelhas e há ainda quem o considerasse agricultor a trabalho de um magistrado que lhe confiou o domínio e depois a filha Mágia (1). De qualquer forma, segundo Suetônio e Élio Donato, as origens de Vergílio estão ligadas à terra italiana (2).

Há quem afirme sua origem gaulesa, mas o que nos importa é a sua cultura latina. Vergílio passou os seus primeiros anos ao lado de seus irmãos, no campo, em uma fazenda modesta que o pai explorava inteligentemente. Segundo Pichon, sua imaginação estava repleta dos ruidos e das cores da natureza. Estava impregnada dela e vivia em grande parte para ela. Os traços de sua origem camponesa marcariam toda sua vida (3).

(1). — BELLESSERT (A.), *Virgile, son oeuvre et son temps* p. 2-3.

(2). — *IBIDEM*, p. 3.

(3). — PICHON (R.), *Histoire de la Littérature Latine*, p. 327-334.

Todos os autores descrevem Vergílio como alguém de saúde fragil e profundamente influenciado pelo meio e pela educação recebida.

Sua educação fortificou suas aptidões nativas: ternura íntima, sonhadora melancolia, simpatia pelos animais e vegetais, sentimento confuso de vida universal e curiosidade inquieta de um futuro misterioso. Longe do tumulto da cidade, sua existência interior tornou-se mais profunda e o poeta voltando-se sobre si mesmo, desenvolveu a reflexão e a meditação.

Depois da educação do campo recebeu a da Escola. Com doze anos foi para Cremona, estudou sob a direção dos *Gramatici* a língua grega, a métrica, a poesia e a história.

Recebeu, aos quinze anos, a toga viril, o que fugia aos costumes da época, porque em geral, o jovem a recebia entre dezesseis e dezessete anos. Este fato leva-nos a admitir ter sido Vergílio um jovem de qualidades excepcionais.

Vergílio de Cremona foi para Milão, onde estudou advocacia. Sua timidez, seu embaraço, sua palavra difícil,

“sua voz de uma suavidade divina ao recitar seus versos mas que se fatigava, seu físico e sua alma o afastaram dos combates do Forum”.

Nosso poeta recebeu influência da filosofia do Gramático poeta Parthenius e de Sirão. Este, era um dos numerosos amigos de Cícero, que o julgava um homem excelente e de vasto saber. Foi quem o iniciou na doutrina epicurista que se refletiu nas suas primeiras obras. Através de Parthenius adquiriu o gosto pela poesia e o culto dos escritores gregos.

Vergílio sofreu também influências de Lucrécio e Catulo. Após sua estadia em Milão, foi para Roma e só então, influenciado pelos acontecimentos da Metrópole, escreveu seus poemas.

Sua obra começa realmente com as *Bucólicas* (37 a.C.). Pouco sabemos sobre os primeiros ensaios da juventude nem sempre considerados de sua autoria (4). As *Geórgicas* foram compostas em 37 a 39 ou 29, perto de Nápoles, e seu último trabalho foi a *Enêida*, epopéia romana que não terminou por causa de sua morte prematura. Para que possamos chegar a alguma conclusão sobre ela e as controvérsias que provocam no que se refere a uma chamada “literatura

(4). — PICHON (R.), *op. cit.*, p. 327-328.

engagé”, é necessário, em primeiro lugar, uma rápida análise da situação de Roma quando da chegada do mantuano à cidade.

*

2.0 — SITUAÇÃO DE ROMA NA ÉPOCA DE VERGÍLIO.

Depois de ter se estabelecido em Roma, sabemos que o poeta voltou várias vezes ao seu país natal, o que vem confirmar que, apesar de frequentar com Catulo o Círculo Máximo, o Campo de Marte, o Templo de Júpiter, de misturar-se com os advogados e com aqueles que frequentavam o Forum, não amava a vida da cidade. Este pensamento aparece nas *Geórgicas*, quando felicita os camponeses por não conhecer

“nem as leis de ferro dos tribunais, nem os escritórios, onde se guardavam os arquivos do povo romano”.

Não sabemos se entre 17 e 28 anos morou todo tempo em Roma, mas de qualquer forma, grande parte deste período viveu na cidade e apesar de amante da solidão e da tranquilidade, não podia ficar indiferente às transformações da *Urbs*.

Roma se transformava materialmente. O tijolo substituía a madeira nas construções, as colinas enchiam-se de palácios, surgiam os primeiros teatros em pedra como o que Pompeu dedicou a Venus. No Forum, surgiam lojas, templos, basílicas etc.

As transformações morais eram mais rápidas ainda. A República Romana decadente oferecia um triste espetáculo. Os Senadores, que haviam regido o destino de Roma, abandonavam-na à sua sorte, perdidos em discussões estéreis. A corrupção política, as perseguições, faziam com que a Tribuna se ensanguentasse.

“O ouro inundava a cidade e se refletia nos lambris das casas e nos cabelos das mulheres. Jamais o escândalo das fortunas excessivas e as enormes dívidas tinham paralelamente insultado a miséria” (5).

A Aristocracia decaía, entregue ao abuso do gozo.

O culto dos costumes antigos não era para os patrícios senão um divertimento. Reações isoladas se faziam sentir como a de Catão, que apesar de pregar a moralidade e a volta ao *MOS MAIORUM*, pas-

(5). — BELLESSERT (A.), *op. cit.*, p. 9.

sava como afirmam os antigos as noites a beber e usava a mulher. A leitura de Plutarco é significativa para um entendimento da corrupção existentes em Roma nesta época (6).

A Religião, como vimos em páginas anteriores, acompanhava esta decadência.

Cícero denunciava a incredulidade e o desrespeito aos deuses. As divindades antigas eram abandonadas pelos romanos que se voltaram para cultos novos, que interessavam aos intelectuais e traziam o mistério do Oriente. Segundo Belessort, a religião tornava-se um verdadeiro ateísmo supersticioso. Decadência da Religião e do Patriotismo.

As desordens dessa Sociedade preparavam uma nova era para a humanidade e uma nova civilização. A Grécia renasceria em Roma, pois a influência grega tornava-se enorme entre os romanos, fazendo com que a idéia da humanidade alargasse os horizontes das almas. Os escravos eram mais bem tratados. A instrução diminuía as distâncias, surgindo um novo poder, o do espírito.

Varrão escreve as *Antiguidades Romanas*. Cesar, as suas memórias. Uma sociedade mundana se forma onde os costumes se relaxam, e a mulher se emancipa. Os jovens intelectuais se ligam aos grandes retores e oradores.

A República estava arrasada. As guerras civis continuavam. Quem se apoderaria da República. Cesar? Pompeu?

Era este o panorama de Roma, quando da chegada de Vergílio. Ele deveria ter ouvido falar em Cesar e em suas vitórias, como também das turbas políticas em Roma entre Clódio e Milão. A batalha de Farsália certamente o teria conduzido a reflexão. Teria assistido à volta de Cesar e conhecido Cleópatra? Teria convivido com Cícero? Assistido aos Jogos Troianos e à Festa dos Lupercais, onde Marco Antônio tentou coroar Cesar? Teria assistido a sua recusa e os aplausos do povo ao seu gesto (7).

Teria Vergílio assistido ao assassinato de Cesar?

É difícil sabe-lo. A leitura dos versos das *Bucólicas* levam-nos a pensar que Vergílio se colocava ao lado de Cesar como mais tarde se colocaria do lado de Otávio (8).

(6). — PLUTARCO. *Vidas Paralelas*. São Paulo, Cultrix, 1963.

(7). — BELLESSERT (A.), *op. cit.*, p. 21.

(8). — Vide IX *Bucólicas*, onde Vergílio faz referência "à luz que se levantara quando da celebração dos Jogos Fúnebres e que o povo pensava ser a alma de Cesar, recebida pelos deuses imortais.

O poeta era por natureza um espírito que amava a ordem e a paz e achava que esta só poderia ser alcançada através de um poder forte. Era um idealista que detestava os tumultos das Guerras Civis da República e que certamente tenderia apoiar Augusto. Desejava ser útil ao seu país e na obscuridade preparava-se para sua obra que, seria uma reação contra todo o luxo, os excessos e vícios da *Urbs* que tanto amava.

O Epicurismo estava em moda e convinha com seu materialismo, a essa Sociedade que vivia dos prazeres e do gozo e que desejava se livrar do medo da morte. Ele repudiava as crenças ancestrais e os deuses. Vergílio dos Epicuristas herdou apenas o amor à Ciência. Foi influenciado por Catulo, mas a influência de Lucrecio foi maior (9). Este criou um verdadeiro sistema filosófico. Cantou todas as dores humanas, ao contrário de Catulo que só cantara a sua. Sua tristeza deve ter fortificado a melancolia de Vergílio. Nos dois poetas encontramos o sentimento de piedade pelos seres humanos. Amava a humanidade e seu sentimento de natureza se alargava e aprofundava em sua visão cósmica.

Assim, julgamos que os homens de letras, principalmente Sirão e Lucrecio, bem como o elegíaco Cornélio Galo, exerceram considerável influência nesta época e, portanto, contaminaram Vergílio.

O poeta em 43, havia retornado a Andes, quando Asínio Polião tornou-se governador da Cisalpina (10). Sabemos que unia às suas qualidades de administrador a de poeta, e que acolheu Vergílio em sua Província. Este, mostrou suas primeiras *Bucólicas*, que devem ter lhe agradado.

Em Roma, neste momento, os assassinos de Cesar fugiam. As Guerras Civis retornavam. O Triunvirato estava prestes a se formar. Até onde estes acontecimentos teriam influenciado Vergílio?

Otávio permaneceu em Roma e Antônio foi para o Oriente. O primeiro resolve repartir os campos das dezoito cidades mais ricas da Itália e aqui sua política começaria a influir sobre a vida do poeta, pois Mântua estava entre estas cidades.

Alfinos Varro, que substituíra Polião como governador da Província, consentiu na expulsão de Vergílio de suas terras, nada adiantando os versos a ele dedicados pelo poeta.

Vergílio voltou à Roma. Sua cólera foi grande contra Otávio. Galo e Mecenas levaram-no ao futuro Augusto que prometeu-lhe a

(9). — Lucrecio se suicidou no dia em que Vergílio recebeu a toga viril.

(10). — Foi amigo de Cesar, Antônio, Cícero e Galo.

restituição das terras. Nada conseguiu embora tenha recebido indenização por elas, na Campânia.

Qual a reação do poeta? Aceitara e compreendera que, na confusão geral, sua infelicidade era ainda pequena? Teria Otávio conquistado Vergílio para sua causa na entrevista que tivera? Não tendo conseguido retirar de suas terras o centurião Arios que a recebera teria aceitado e ficado satisfeito com a indenização que Otávio lhe concedera? Estas e muitas outras perguntas estão sem respostas.

As informações que possuímos apresentam Vergílio em Roma, familiar de Mecenas, ligado a Horácio, mostrando suas *Bucólicas* a Galo e logo conseguindo que fossem levadas à declamação no teatro. O poeta aparece-nos já aplaudido pela opinião pública (11).

*

3.0 — AS OBRAS.

As obras de Vergílio refletem segundo Leoni mais que nenhuma outra os sentimentos, as idéias, as dores e as esperanças deste período de transição de Cesar a Augusto (12). Assim Vergílio é, nesse sentido, um dos escritores mais representativos do seu tempo.

Apesar de lhe serem atribuídas algumas obras da juventude, é a partir das *Eglogas* ou *Bucólicas* que seu gênio se manifesta. Têm importância histórica. Encontramos nelas, traços das trágicas consequências da Guerra. A sombra da recordação da perda injusta dos campos paterno transborda na poesia que descreve, quse em contraste com a tranquilidade e a frugalidade dos pastores e sua vida apegada à terra.

É a primeira expressão dos sentimentos novos: amor e desejo de paz, que virão com Augusto. Não só os acontecimentos políticos influenciaram o autor, mas foi também decisiva a ação da poesia de Teócrito.

As *Bucólicas* foram escritas sob a influência de Lucrécio e do Epicurismo. Vergílio havia abandonado Roma e nos arredores de Nápoles, mergulhado nos estudos científicos a respeito da natureza das coisas, compôs os dez cantos com o título de *Carmina Bucolica*.

As *Bucólicas* são unidas seguindo um critério artístico. Compostas entre 42 e 39 a.C., são uma exaltação à vida campestre com sua

(11). — MECENAS é uma das figuras mais discutidas da época. Conseguiu reunir em torno dele, vários literatos como Horácio, Vergílio etc. Sabia a importância dos poetas, a literatura era para ele "uma energia nacional".

(12). — Vide LEONI (G), *Literatura Latina*. p. 73.

paz profunda e cantos agrestes .São a primeira afirmação artística do poeta. Segundo alguns autores, a que melhor define a sua índole. São poemas novos, de uma época que surge onde o elemento lírico sobrepõe o trágico na poesia pastoril.

Há no seu canto quase um eco trágico de contraste entre a fé no advento da paz universal e a fúria do veterano que expulsa o poeta do pequeno campo paterno. A fé prevalece; logo o elemento lírico supera o trágico.

“Então, todos os personagens desaparecem de cena onde fica só o poeta, a verde extensão dos campos se alarga e um novo canto de amor e paz tem por cena um mundo cujo centro é Roma”.

Esta obra sem dúvida atraiu sobre Vergílio a atenção e a admiração de Mecenas e de Otávio, que passaram a ver nele um intérprete de seus sentimentos e de seu programa de governo.

A segunda grande obra de Vergílio, *As Geórgicas*, escrita entre 27 e 29 a.C., é um poema complexo e orgânico que trata de todos os aspectos da agricultura, do amor à terra e dos animais do campo. Ela será o objeto de nosso estudo mais aprofundado.

Na sua terceira grande obra, *A Enêida*, trabalhou dez anos. Nela irá fundir velhas tradições, memórias semi-históricas, reminiscências literárias, contos populares e romances. É uma Épica Nacional, considerada por muitos como sua “obra prima”. Escrita após o ano de 29 a.C., após Ácio, a pedido de Mecenas, tornou-se obra clássica, logo que publicada.

Nos seis primeiros dos seus doze livros, a *Enêida* narra as aventuras de Enéias e do seu grupo de troianos, de Tróia à Itália, nos últimos seis anos, descreve a conquista troiana do Lácio e o estabelecimento da nova nação. É obra contemporânea à formação do Principado e “Roma é a sua verdadeira protagonista”.

A idéia da grandeza de Roma e de sua missão civilizadora criara no espírito de Vergílio o desejo de narrar as façanhas de Enéias.

A *Enêida* serviria para reconstituir as duas metades do Império. Era necessário provar ao Mundo Grego que Roma não era estranha ao helenismo e que estava unida a ele por uma comunidade de origem e cultura.

Nesse sentido, a filiação troiana era valiosa sempre que se pudesse provar que Roma, como as cidades Gregas, havia nascido da

antiga comunidade espiritual descrita por Homero. Enéias seria, segundo a tradição, o fundador da estirpe Júlia e, portanto, antepassado de Cesar e Augusto.

Roma, era assim a verdadeira protagonista da Epopéia e embora não tenha sido fundada por Enéas, estava ligada a ele.

Na *Enêida*, Vergílio fez florescer a poesia épica, a grandeza de Roma foi exaltada e o Império de Augusto passou a significar a Civilização do Mundo inteiro.

Vergílio morreu aos 50 anos sem terminar a *Enêida*, voltando-se cada vez mais para a filosofia. Em sua obra abriu ao auto-conhecimento humano, novos caminhos. Pôs em evidência a humanidade de seus heróis, voltando-se de modo particular para a psicologia dos personagens.

“Para Vergílio a lenda e a história unem-se em todo orgânico” (13).

* *
*

II. — AS GEÓRGICAS.

1.0 — CONCEITUAÇÃO.

As *Geórgicas*, poema sugerido por Mecenas a Vergílio, é obra clássica, forte e prática, verdadeiramente romana. Exalta as belezas do trabalho e as recompensas da vida rústica.

As Guerras Civis, como vimos, haviam devastado, empobrecido e despovoado os campos da Itália. As terras abandonadas clamavam a volta dos camponeses, que haviam ido para Roma.

Fez, então, Vergílio as *Geórgicas*, onde deplora a ruína dos campos e indica remédios para remediar seus males em quatro livros (13):

- 1.º — sobre o cultivo dos campos;
- 2.º — sobre as árvores;
- 3.º — sobre a criação de animais;
- 4.º — sobre as abelhas.

Vergílio procura neles, incentivar a fé nos Deuses que o poema de Lucrecio havia destruído e ensinar aos homens a arte de torna-los

(13). — LEONI (G.), *op. cit.*, p. 82.

religiosos. Por isso levantou-se a hipótese que os quatro livros de Vergílio são prelúdio das reformas religiosas de Otávio (14).

As *Geórgicas* tem na aparência o seu herói, figurado no campo-nês ideal, mas seu verdadeiro herói é a Itália inteira, a que fizera a grandeza de Roma. Elas não são só a homenagem a Otávio, mas a força moral da Itália nos benefícios da vida rústica.

*

2.0 — CONCEPÇÃO E OBJETIVOS.

Para alguns historiadores o movimento literário desta época foi inspirado de cima, Mecenas, muito inteligentemente, teria dirigido a difusão dos temas e artigos fundamentais da política de Augusto: exaltação patriótica de Roma e do Itália, restauração das antigas virtudes, da família e da religião, como a necessidade de repovoamento (16).

Nesta linha de idéias, o objetivo de Vergílio ao escrever as *Geórgicas*, foi vivificar a agricultura decadente. Compreendia que a grandeza de Roma estava ligada a ela, e o estado social, moral e econômico do Mundo necessitava, para que não se tornasse inquietante, da base forte e rigorosa da população rústica, mas desejava antes de tudo auxiliar a Reforma de Augusto (17).

Os fatos teriam ocorrido da seguinte maneira:

“Vergílio começou as *Geórgicas* em 37 a.C. Trabalhou-a durante sete anos, enquanto a Itália caminhava para a pacificação e Otávio por uma política habil e moderada, se impunha no Ocidente”.

Depois da vitória de Ácio, segundo Suetônio, Otávio ao voltar do Oriente, parou na Campânia, onde escutou a leitura dos quatro livros das *Geórgicas*, gostando imensamente deles (18). Os versos do poeta lhe agradaram mais que qualquer das homenagens que lhe foram prestadas. Eles atendiam aos seus desejos. Vergílio lhe aparecia como excelente colaborador que compreendera sua obra de reconstrução.

(14). — SAINT-DENIS (E.), *Georgiques*. Paris, Les Belles Lettres, 1968.

(15). — LUCRÉCIO. *Natureza das Coisas*. São Paulo, Cultura, 1941; LEONI. *op. cit.*, p. 79.

(16). — HOMO (L.), *Le Haut Empire*. T. III. Paris, Glotz, p. 162.

(17). — PICHON (R.), *Literatura Latina*. p. 335-361.

(18). — SUETÔNIO. *As Vidas dos Doze Césares*. R.J., Athena, 1937; SAINT DENIS (E.), *op. cit.*, p. 5.

Poucos homens públicos tiveram a sorte de serem apoiados por um gênio literário, como foi Augusto por Vergílio.

S. Denis afirma: Vergílio estava submetido às ordens expressas de Mecenas e envolvido numa campanha de propaganda para a agricultura, para o retorno à terra.

O próprio Vergílio afirmava nas *Geórgicas*:

“São estas, Mecenas, as tuas ordens, não fáceis de cumprir. Sem ti, não poderá minha mente abalançar-se em altos comedimentos” (19).

Gibbon acha que a idéia do grande poema rural teria vindo da necessidade de dar aos veteranos o gosto pela sua nova condição de agricultores, no que é contestado por S. Beuve: o próprio Vergílio foi espoliado em proveito de um veterano (20).

Villeneuve:

“Vergílio escreveu em função dos camponeses desavisados (veteranos). — “Aprendei as culturas próprias de cada espécie” (21).

Ele queria interessar estes novos proprietários nas terras que haviam recebido.

É forma que a maioria dos literatos e historiadores narra a concepção das *Geórgicas*. O assunto parece-nos muito complexo, pois as controvérsias relativas ao fato de ter sido o poema encomendado por Mecenas (que lhe sugerira inclusive a abordagem do assunto) são inúmeras. Até onde é válida a afirmativa de uma literatura *engagée* para as *Geórgicas*? Há os que não concordam com a idéia. Assim:

PICHON

— A obra não foi encomendada por Mecenas e conseqüentemente por Otávio. Apenas concordava maravilhosamente com as intenções do Imperador (22).

(19). — “Sequamur intactos tua, Mecenas, haud mollia uissa” — “te sinc sine nil altum neus incohat... (1. III, 40, 41, 42).

(20). — SAINT-DENIS (E.), *op. cit.*, p. VII-IX (e R.C. onde é analisada a política agrícola e a distribuição de terras aos veteranos. J. Gagé — Paris, 1935, p. 101-103).

(21). — VERGÍLIO, *Geórgicas*. II, 35.

(22). — PICHON, R. *op. cit.*, p. 335-341.

- BELLESSERT** — O poeta não foi domesticado pelos favores de Mecenas, nada de semelhante teria se passado. O que acontecia é que a mais nobre inspiração se juntava aos mais justos cálculos de política. É claro que Mecenas o tinha encorajado como outro já o fizera com as *Bucólicas*, “mas as *Geórgicas* tinham outra razão de ser, que a fantasia e a vontade de Mecenas. Vergílio queria tentar um campo novo como fizera Lucrécio, pois os assuntos mitológicos já tinham sido muito tratados pelos Alexandrinos” (23).
- PARATORE** — Vergílio vagueando na pequena fazenda, descrevendo sua vida, contemplando com os estáticos a divina natureza, não fez outra coisa que concretizar com forma expressiva o seu protesto contra a guerra nefanda, contra aquilo que era o seu máximo bem, o seu sonho de um retorno à paz e à essência da vida agreste. Afirma o autor que não é possível interpretar a obra como uma tarefa encomendada por Mecenas. “Uma grande obra de arte não pode surgir: jamais sobre “comitione”, sobre a falsificação de um esquema premeditado por outros, onde a fantasia do poeta deve permanecer aprisionada”.

O que aconteceu foi que o poeta aderiu do fundo do coração ao programa de renovação da terra italiana. Vergílio não se dirigia diretamente aos camponeses pois não podia acreditar que estes o compreendessem e estudassem. Dirigia-se a todos os que tinham cultura. As *Geórgicas*, segundo ele, deveriam enobrecer perante a todos a tarefa do camponês. Iluminaram sua vida e celebrariam “a glória dos campos divinos”. O poeta desejava chamar a atenção dos homens públicos para o trabalho dos campos e para a dureza da vida do camponês. O movimento de simpatia que as *Geórgicas* criariam em torno deles, levaria talvez os cidadãos das cidades congestionadas a retornar aos campos. Encorajaria os pequenos proprietários a viver em suas propriedades a assumir os seus deveres.

(23). — PARATORE, E. *Le Georgiche*. p. 15-16.

“Se atingisse seus fins, Vergílio seria lido nas escolas e os filhos de camponeses como ele, guardariam um amor mais refletido de sua terra”.

Para o autor, a obra de Vergílio tinha a intenção deliberada de atingir a todos indistintamente. Ele não era apenas um fragil elemento da vontade de Otávio, um executor de suas ordens. Vergílio desejava isto ao escrever o poema. Tanto melhor se esta intenção coincidissem com os desejos de Augusto (24).

O problema da ligação de Vergílio a Augusto ainda esta requerendo novos estudos.

* *
*

3.0 — FONTES.

Vergílio preparou seriamente o conteúdo de sua obra.

As fontes de sua ciência agronômica são numerosas e seguras: o velho poema de Hesíodo (*Os Trabalhos e os Dias*), de Aristóteles (*História dos Animais*), Eratóstenes (*Tratado de Astronomia*), Teofrasto (*História das Plantas*), Nicandro (*As Geórgicas e os Melissúrgicos*), podem ser citadas entre outras obras gregas. Magão, Catão (*De Agricultura*), Varrão (*Res Rusticae*), Cícero (*Os Econômicos*) e Híginio (*Tratado de Agricultura e Apicultura*), entre as fontes cartaginesas e latinas.

O poeta recorreu à Geologia para definir as diversas espécies de terrenos, à Botânica para distinguir as diferentes plantas e as condições do seu desenvolvimento, à Fisiologia para compreender os métodos de criação e à Astronomia para enumerar os preságios da temperatura.

O poeta juntou a essas informações a tradição moral dos camponeses e as suas observações individuais. Desse conjunto de conhecimentos nasceu uma técnica digna de um profissional (25).

O *charme* especial da sua obra que não aparece no *Tratado de Catão*, nem na *Economia* de Xenofonte, vem da perfeição da forma (26).

(24). — PARATORE (E.), *Le Georgiche*. p. 15-16.

(25). — PICHON (R.), *op. cit.*, p. 335.

(26). — Vide *Geórgicas*, especificamente a cena da tempestade, a descrição dos cavalos de raça e das abelhas. (Indicação bibliografia no fim do trabalho).

Vergílio não é apenas o estilista, é também o pensador influenciado pelas idéias filosóficas de Lucrecio. Sua concepção do mundo, da vida, está presente em seu poema e esta lhe dá um auto-retrato moral.

Mas esta concepção é determinada pelo sentido da dor, mas não a dor que nasce da injustiça e do arbítrio. Nada se obtém sem esforço, sem trabalho e este traz consigo suor e lágrimas. Este é o pensamento vergiliano (27).

A influência de Lucrecio em Vergílio é relativa. O primeiro achava por exemplo que a missão de instruir os homens, é a função social do poeta. A Vergílio iria imita-lo nessa parte, mas procuraria neutralizar os efeitos nocivos do seu poema. Assim, sobre vários pontos, as *Geórgicas* são uma refutação indireta do *Natura Rerum* (28).

Vergílio se afasta dos Alexandrinos que cultivavam a poesia erudita e didática, que praticavam antes de tudo uma poesia de luxo, quando procura vulgarizar a ciência, difundi-la, influenciar sobre os espíritos e melhorar a situação social.

A influência de Hesíodo em Vergílio é indiscutível (29). Sua obra não possuía a serenidade que se exigia do gênero literário, como a de Lucrecio. Era um protesto em nome da moral lesada em sua pessoa e uma sequência de preceitos agrícolas e religiosos destinados a mostrar o valor de sua sagacidade e de sua superioridade. Sem dúvida a primeira educação do nosso poeta, suas lembranças de infância, permitiram-lhe a compreensão de Hesíodo pois ele também nascera no campo.

A obra de Hesíodo: *Os Trabalhos e os Dias*, mostrou-lhe que a simples existência do camponês e as lides do campo eram temas fecundos e de inspiração poética (30).

Embora as influências do poeta, apareçam em Vergílio, muitas são as diferenças entre suas obras.

(27). — Vide BELLESSERT, *op. cit.*, p. 79.

(28). — LUCRÉCIO. *De Natura Rerum*. São Paulo, Cultura, 1941.

(29). — Hesíodo, poeta grego que escreveu o primeiro modelo de poema didático: *O Trabalho e os Dias*. O poeta camponês concedeu uma obra nascida quase toda ela da imaginação de um queixoso desconsolado. Era uma obra de combate. Vide BELLESSERT, *op. cit.*, p. 17-18.

(30). — A análise da obra Hesiódica revela toda uma filosofia de vida. Seu poema recomenda aos homens a estrita observância dos seus deveres para com os deuses, e procura mostrar que a vida regulada pela virtude não é apenas a melhor, mas a mais agradável.

Outro autor que influenciou Vergílio para a elaboração das *Geórgicas* foi Varrão (36 a. C.) (31). Sua obra *Diálogos sobre Agricultura*, intitulada *De Re Rustica*, foi preciosa para o poeta. Varrão, como grande proprietário que era, se ocupou principalmente do latifúndio e se dirigiu aos proprietários como ele, que possuíam belas casas de campo. Em sua obra descreve as grandes propriedades, suas riquezas, seus móveis, etc.

Estava contaminado pelo luxo dos homens do seu tempo. Apesar disso, os personagens dos seus diálogos deploram a corrupção dos costumes, o abuso da prodigalidade, dos banquetes públicos e das refeições dos campos. Mas são esses mesmos proprietários que se aproveitam destes festins para elevarem os preços dos víveres que lhes aumentarão as rendas.

A grande originalidade da obra de Vergílio é a de ter escrito sobre a pequena propriedade e não como Varrão e Catão, sobre as grandes extensões territoriais que parece pouco conhecer e admirar. Talvez compreendesse os seus perigos como mais tarde Plínio: *Latifundia perdidere Italiam* (os grandes domínios perderam a Itália) e Columella que se queixava da gente rica que abandonava regiões inteiras ao gado e às feras.

O pensamento de Vergílio (II, 412) é claro quando escreve: *Laudatio ingentia rura: exiguum colito!* (Exalta, tanto quanto queira, a grande propriedade mas saiba cultivar o seu pedaço de terra!).

Não aparece em sua obra nem a figura dos *Villicus*, nem as casas dos escravos e demais elementos comuns à grande propriedade.

A obra de Varrão nos permite avaliar a situação econômica da Itália e a segunda crise da agricultura romana. Nela aparecem as queixas para o retorno à terra, acusações sobre os ricos proprietários que preferem viver em Roma que viver em seus domínios, contra o luxo decadente etc (32). Lamenta a falta de trigo para nutrir as populações. Mostra que as guerras civis e os progressos da latifúndia aumentaram a crise geral. Explica que a Itália só contava com as províncias para se alimentar, mostrando que a vida de Roma ficara submetida ao mar e ao trigo que vinha da Sicília, Sardenha e África, como a vinha das Ilhas (33).

(31). — Varrão foi um dos mais notáveis polígrafos de Roma. Era sabino. Apareceu no Fórum e no campo. Possuía grande erudição e teve papel importante em Roma, embora não se afastasse dos negócios e da administração de suas propriedades. (BELLESSERT, *op. cit.*, p. 80).

(32). — SAINT-DENIS, *op. cit.*, p. XII e XIII.

(33). — VARRÃO (R.R.), *De Re Rustica*. II (3-4).

Parece-nos que a Varrão, Vergílio deve o essencial das suas informações técnicas sobre a adaptação das culturas aos diferentes terrenos (*R.R.* I, 6; *Geórgicas*, II, 109; 177), sobre as diversas qualidades do solo e da maneira de os tratar (*R.R.* I, 7; *Geórgicas*, II, 226), sobre os fundamentos e as posições que convem à vinha (*R.R.*, I, 25 e 26; *Geórgicas*, II, 83), sobre o ciclo anual da viticultura, etc.

A outra fonte romana de Vergílio foi Catão (34). Em seu *Traçado de Agricultura* procura apontar o remédio para a crise da economia agrícola posta em perigo pelas guerras assassinas, pela destruição da classe média de pequenos proprietários e pela falta de mão-de-obra nacional que substituída por prisioneiros reduzidos à escravidão, valorizou os grandes domínios que começaram a se constituir; a cultura dos cereais decadente é substituída por uma economia fechada e esta substitui a policultura da antiga exploração nos grandes domínios, a cultura da vinha e da oliveira assim como a criação de gado substituem as culturas antigas.

Catão se esforça por mostrar que os médios proprietários podem ainda viver e ter êxito, com a condição de substituir a policultura de outrora por uma repartição mais produtiva das terras semeadas de trigo, das culturas frutíferas e arborescentes (25).

J. Ruelens calculou que por volta de 104 a.C. o número de pequenos proprietários podia ser nesse período de 7.000 a 15.000 na Itália, enquanto dos grandes proprietários ia a 2.000 segundo as informações do tribuno Filipo. Nos anos seguintes, os latifúndios se acresceram, enquanto a política agrária multiplicava os colonos. (Alguns romanos chegam a possuir a quase totalidade da Itália no último século da República (tinham em média mais de 5.930 ha.) (36).

Embora Vergílio tenha estudado seriamente as obras dos seus predecessores, sua ciência não parece ter sido retirada só dos livros (37). Vergílio expõe em sua obra ao narrar o trabalho e as ocupações dos camponeses aquilo que reteve de sua vida campestre com uma precisão científica. Sua “ciência” confere à sua obra um caráter didático e lhe dá um “charme” todo especial. Vergílio consegue transmitir ao leitor uma ternura íntima pela árida matéria que trata, fazendo-lhe sentir que ela era o seu amor e fazia parte de sua vida. Por isso Columella ao

(34). — CATÃO viveu entre 234 a.C. e 149 a.C. Escreveu um tratado sobre agricultura denominado: *De Agricultura*.

(35). — SAINT-DENIS, *op. cit.*, p. 11. Vide também J. Ruelens, *La Repartition de la Propriété foncière en Italie, au dernier siècle de la République*, p. 28-29.

(36). — RUELENS (J.), *op. cit.*, p. 31.

(37). — Vide BELLESSERT (A.), *Virgile, son oeuvre et son temps*, p. 83.

afirma que Vergílio foi o mais pessoal dos poetas nas Geórgicas, e mais pessoal ainda onde obedece estritamente as exigências técnicas do seu assunto (38). Vergílio soube impor a uma matéria técnica uma distribuição e uma expressão singular.

As fontes de Vergílio foram numerosas e variadas, mas sua obra foi original pela maneira muito pessoal que tratou seus temas.

* *

*

4.0 — COMPOSIÇÃO.

O “amor ao campo, a piedade para o sofrimento de seus habitantes, o culto à Roma, o fervor por César e por Augusto” e todas as aspirações que começaram a aparecer nas Bucólicas são desenvolvidas e vivificam-se nas Geórgicas (39).

A maneira de Vergílio tratar os problemas agrícolas de Roma nas Geórgicas, pode parecer à primeira vista ao leitor idêntica a dos agrônomos latinos: Catão, Varrão, etc. Quando Vergílio compôs o poema, como vimos nas páginas anteriores, teve sem dúvida sob seus olhos estas obras, mas não pretendia exagerar a tecnicidade da matéria nem fazê-la completa (40).

Enquanto Varrão, minucioso na arte de dividir e subdividir, trata em seu estudo sobre agricultura primitiva do terreno a explorar, das construções e dos estábulos existentes nas propriedades, do pessoal e do material de construção, para em seguida analisar os cuidados que a terra exige e as épocas que convém trabalhá-la Vergílio retoma alguns desses assuntos no Canto I das Geórgicas, enquanto que os outros ne sequer aparecem na sua obra. Enquanto Varrão estende-se longamente sobre a oliveira e sua colheita e sobre vários animais campestres, Vergílio dá um lugar especial à vinha e apenas alguns versos à oliveira e seus derivados. No Canto IV, trata da apicultura (41).

A obra de Vergílio comparada por exemplo a de Columella pode ser considerada incompleta, pois o nosso autor não trata das pradarias, construções horticulturas, etc. A verdade é que Vergílio não teve a intenção de fazer uma obra exaustiva como a análise de seu próprio plano demonstra. Por isso, alguns autores como Sêneca, opulento

(38). — Cf. BELLESSERT (A.), *op. cit.*, p. 84.

(39). — PICHON (R.), *op. cit.*, p. 104.

(40). — VERGÍLIO. *Geórgicas* (III, 42): *Non ego concta meis amplicti uersibus appto* (Não pretendo tudo asarcar em meus versos).

(41). — VERGÍLIO, *Geórgicas*. (II, 420-425 e IV).

proprietário e viticultor, aham que o *charme* poético do assunto importava mais a Vergílio que a exatidão técnica das prescrições. Plínio, o antigo, critica-o quando afirma que: a lista de colheitas nas *Geórgicas* é incompleta (42). Isto não quer dizer que Vergílio não tenha se dirigido aos agricultores, pois a arte de Vergílio nas *Geórgicas* é de sugerir.

Os poemas ou tratados consultados por Vergílio para a elaboração das *Geórgicas* não explicam sua divisão em quatro Cantos.

O assunto do poema, que aparece nos cinco primeiros versos, resume um plano pré-estabelecido que anuncia uma divisão muito nítida da agricultura em quatro partes: trabalho dos Cereais (subdivisões: operações rústicas e dados astronômicos); Arboricultura (viticultura); criação de gado (subdivisões: bois e gado miúdo); apicultura.

Segundo Saint-Denis, essas quatro sessões são repartidas em dois grupos de dois, sendo que cada grupo é precedido de um preâmbulo e de um elogio (43). Este plano não é de Hesíodo, nem de Catão, nem de Varrão. Nem Columela, nem Paládio usaram essa maneira de dividir. Terá sido baseado nos Alexandrinos Calímaco e Apolônios? Não é um plano completo nem racional, não saiu de uma obra técnica, mas segundo Saint-Denis de um elogio entusiasta e lírico da vida campestre (44).

Passemos à análise de algumas características que desejamos realçar.

* * *

5.0 — CARACTERÍSTICAS.

- 1º). — A primeira idéia das *Geórgicas* é a de paz inspirada na série de comportamentos pastoris. Não aquela paz egoísta do indivíduo abrigado num refúgio privilegiado, protegido contra as tempestades e os outros. Mas a paz, operosa, a paz de Augusto.
- 2º). — A segunda característica é a de retorno à terra, ao seu cultivo. Mas não sem considerar que ela precisava ser cultivada e santificada com duras fadigas, banhada com

(42). — SAINT-DENIS, *op. cit.*, p. XVII.

(43). — *IBIDEM*, p. XIX.

(44). — *IBIDEM*, p. XXI.

suor e lágrimas que se tornavam fontes sadias energias (45).

3º). — O autor deixa claro também que o trabalho constroi não só a glória dos campos mas a própria glória de Roma.

Ao contrário das *Bucólicas*, as *Geórgicas* mostram-nos além do trabalho do arado, o trabalho realizado com as armas e com as leis, com as tradições e com a justiça, com ação do pensamento. É o rompimento do poeta com a posição idílica de indiferença e de agnosticismo que demonstrara antes.

4º). — A exposição de Vergílio está repleta da paixão, do sentimento e de inspiração lírica do autor, que transparecem nos epílogos e nas digressões. É exemplo disso o elogio da vida agrícola (II, 457-542), a oração aos deuses para que salvaguardem o bem do Estado e o jovem Otaviano (I, 463-514) etc.

A sensibilidade invade toda obra, comunicando-lhe um sopro de poesia. Tudo nela é humano, é espiritual, terno e afetuoso, pela simpatia que Vergílio infunde a todas as coisas (46).

* *
*

6.0 — CONTEUDO DOS VERSOS DOS QUATRO PRIMEIROS LIVROS DA GEÓRGICAS.

LIVRO I

100-120 — Sementeiras; condições propícias de clima, irrigação

1- 4 — Assunto e divisão do poema:

- Lavoura (cultivo dos campos).
- Arboricultura e Viticultura (cultura das árvores, especialmente: vinha e oliveira).
- Zootecnia (criação de animais).
- Apicultura (criação de abelhas).

5- 22 — Invocação dos Deuses Campestres.

23- 42 — Invocação a Augusto.

43- 69 — Lavoura e Diferentes Espécies de Terras.

(45). — *Labor omnia vicit improbus, et duris urgens in rebus legetas.* Geórgicas, I, 145.

(46). — Vide sobre o assunto ROSTAGNI (A.), *Storia della Letteratura Latina*. p. 26-76 e *The Oxford Classical Dictionary. Virgil*. Oxford at Clarendon Press, 1950.

- 79- 99 — Métodos de Cultura: Repouso dos campos pela alteração das culturas, queimada, *dupla aradura*. e drenagem das terras.
- 121-159 — Origens da Agricultura; pássa-os e plantas nocivas; as idades.
- 160-186 — Os instrmentos aratórios e o clima.
- 187-192 — Meios de prever a qualidade de uma colheita; conselhos dos antigos; sinais do ceu, animais e certas plantas.
- 193-256 — As Épocas do Ano e os Trabalhos que lhes são apropriados.
- 276-286 — Dias favoráveis e desfavoráveis de acordo com o calendário lunar. Vide seu trabalho.
- 287-310 — Trabalhos a executar à noite no verão e no inverno.
- 311-355 — Tempestades de equinócio (outono e primavera) e meios de prever o tempo.
- 356-369 — Prognósticos e sinais dos ventos.
- 370-392 — Prognósticos das chuvas.
- 393-423 — Prognósticos do belo tempo.
- 424-437 — Presságios fornecidos pela lua.
- 438-465 — Sinais fornecidos pelo sol.
- 466-497 — Presságios de Guerra Civil quando da morte de Cesar.
- 498-514 — Votos em favor de Augusto. (Prece aos deuses pátrios para que o protejam, que ele seja o pacificador e que os campos voltem a florescer.

*

LIVRO II

- 1- 8 — Invocação a Baco.
- 9- 37 — As árvores; suas variedades e diferentes maneiras de reprodução (artificial ou enxerto).
- 38- 46 — Invocação de Mecenas a favor de sua empresa.
- 47- 82 — Árvores selvagens e maneira de melhor cultivá-las. O uso do enxerto para melhorar as plantas e torna-las mais produtivas, principalmente as videiras.
- 83-108 — Escolha das melhores espécies.
- 109-135 — Terrenos, climas e regiões apropriadas a cada espécie de planta e produção. Principalmente fora da Itália.
- 136-176 — Elogio da Itália; louvores da terra da produção e da gente.

- 177-258 — Variedade de terreno segundo a altitude e a força produtiva. Maneiras de reconhecimento dos terrenos e a escolha do mesmo.
- 259-314 — Cultura da vinha: plantio, preparo do terreno, época propícia à plantação.
- 315-396 — Cuidados com as videiras novas; prejuízos produzidos pelos animais; as festas de Baco.
- 397-419 — Cuidados requeridos pela videira durante o ano. Apologia da pequena propriedade — 412: *laudato ingentia rura, exiguum colito...*
- 420-425 — Cultura da oliveira; cuidados a observar.
- 426-457 — Culturas de outras árvores.
- 458-542 — Elogio da vida campestre. Canta a felicidade daqueles que conhecem a razão das coisas e chama de afortunados os que conhecem os deuses campestres.

*

LIVRO III

- 1- 12 — O poeta quer se ilustrar tratando de um assunto novo.
- 13- 39 — Tempo alegórico em homenagem a Otávio.
- 40- 48 — Invocação a Mecenas.
- 449- 71 — Reprodução dos touros.
- 72-136 — Reprodução dos cavalos.
- 157-178 — O cuidado com os bezeros.
- 179-208 — O cuidado com os potrinhos.
- 209-285 — Amor aos animais: combate dos touros, furor dos cavalos.
- 286-338 — As ovelhas e os cães.
- 339-348 — Os rebanhos na Líbia.
- 349-383 — Os rebanhos na Síntia.
- 384-393 — A lã.
- 394-403 — O leite.
- 404-413 — Os cães.
- 414-439 — O cuidado da limpeza dos estábulos.
- 440-473 — As doenças dos rebanhos.
- 474-566 — A peste nos animais na Líria.

*

LIVRO IV

- 1- 7 — Invocação à Mecenas.
- 8- 50 — Construção das Colméias.
- 51- 66 — A partida dos enxames.

- 67-115 — Escolha do Rei.
- 116-148 — Digressão sobre os jardins. O *veillard* de Tarento.
- 149-227 — Costumes, trabalhos e instintos das abelhas.
- 228-250 — Recolha do mel.
- 251-314 — Doenças.
- 315-357 — Episódio de Aristeu.
- 358-56 — Epílogo.

* *
*

7.0 — ASPESTOS AGRÍCOLAS DOS DOIS PRIMEIROS LIVROS DAS GEÓRGICAS.

Desenvolvemos as pesquisas sobre os aspectos agrícolas das *Geórgicas* em outro trabalho, neste nos limitaremos a relacionar os aspectos agrícolas que trata Vergílio nos dois primeiros livros das *Geórgicas* e a adiantar que sua análise confirma as considerações que fizemos, nos capítulos anteriores, sobre a importância dos conhecimentos técnicos do poeta. Suas idéias sobre “técnicas agrícolas” concordam em grande parte, com a ciência agrônômica moderna (47).

No livro I Vergílio trata dos seguintes assuntos:

- Vinha de Enforcado (I-2);
- Lavoura de preparação (abrigão); (I-43-46) e (I-64-70).
- Espécies de terra (I-50-59);
- Aptidão Cultural — qualidades intrínsecas do solo (edafologia); (I-50-55) e (II-109-103).
- Métodos de Cultura; (I-70-99).
- Alternância dos Cereais e Leguminosos; (I-71-76) e (I-79-80).
- Cultura esgotantes (linho, aveia, do midea ou papoulas); (I-77-78).
- Aveias; (I-77) e (I-154).
- Adubaçãõ; (I-79-81).
- Queimadas — teorias sobre os seus efeitos; (I-84-93).
- Pulverização da terra, “Rastrum”; (I-94).
- Grades; (I-94-95); (I-166).
- Como semear a terra; (I-100-120).
- Aves daninhas; (I-119-120).
- Desponta; (I-111-113).

(47). — Sobre o assunto vide obra de MAYER (R.), *As Geórgicas de Vergílio*. Lisboa. Sá da Costa. 1948 de onde tiramos grande parte das nossas indicações.

- Enxugo das terras; (I-113-117) e (II-348-350).
- Rega; (I-106-110).
- Origens da Agricultura; (I-150-160).
- Doenças dos Cereais; (I-150-151).
- Vegetação infestante; (I-151-154).
- Instrumentos aratórios; (I-160-186).
- Joeira; (I-166).
- Charrua; (I-169-175).
- Eira; (I-178-180).
- Trilhos; (I-164).
- Animais daninhos; (I-118-185) e (II-374-381).
- Relação entre a floração da amendoeira e a produção do trigo; (I-187-192).
- Clima e sua influência na terra; (I-193-256) e (I-311-437).
- Tratamento de sementes; (I-193-196).
- Seleção de sementes; (I-197-199).
- Épocas para sementeiras; (I-215-230).
- Fava de Primavera; (I-215).
- Feijão; (I-227).
- Trigo espelta; (I-219).
- Cevada; (I-210).
- Luzerna; (I-215).
- Vida dos Camponeses; (I-257-310).
- Época para abater árvores; (I-256).
- Atilhos para colheita; (I-265).
- Anobe; (I-295-296).
- Pez; (I-275) e (II-438).
- Sega de restolhos e ervas pastenses; (I-289-290).
- Caça e pesca; (I-307-310).
- Previsão do tempo; (I-311-355); (335-337), (351-355), (361-460).
- Ritos Rurais; (I-338-350) e (II-393-396).

*

No II Livro das Geórgicas os assuntos tratados são:

- Produção por estacas; (II-24-25).
- Enxertia; (II-32-34) e (69-82).
- Castas de oliveira e tipos de azeitonas; (II-85-86).
- Castas de videiras e tipos de uvas; (II-89-108).
- Árvores e plantas exóticas; (II-114-135).
- Árvores reflexcentes; (II-150).
- Caracteres das terras; (II-177-225).
- Ensaios para apreciação das qualidades das terras; (II-226-258)

- Densidade da plantação das vinhas; (II-274-277).
- Disposição a dar às carreiras de cepas; (II-277-287).
- Época para meter bace'os; (II-319-322).
- Exposição a dar às vinhas; (II-298).
- Cava e lavra da vinha; (II-354-357) e (397-401).
- Ânimo das videiras; (II-358-361).
- Esladramento; (II-365).
- Poda da vinha; (II-407).
- Despana; (II-410).
- Raspa da vinha; (II-411).
- Cultura da oliveira; (II-420-425).
- Árvores florestais; (II-429-457).
- Processo de formação de árvores; (II-931).

* * *

*

III. — CONCLUSÃO.

O grande perigo em que incidem muitos estudiosos da literatura clássica ao estudarem a obra de Vergílio é o de esquecerem a cronologia, o meio e sua importância no estudo das obras literárias. Esquecem de estudar “o momento histórico” daí uma visão incompleta do pensamento do autor. Raciocinam, julgam, analisam as obras clássicas com mentalidade moderna, com idéias desta época.

Até onde podemos aceitar este processo simplista de encarar os fatos? Até onde podemos generalizar o pensamento dos autores de uma época esquecendo-lhes a formação e influências recebidas? Até onde podemos afastar estas influências e a do meio em que viveram, atribuindo às obras de um autor apenas a vontade de um homem, aos seus interesses?

Estas e muitas outras perguntas ficariam sem resposta se fossem feitas àqueles “especialistas” em Vergílio que enquadram as *Geórgicas* em uma chamada literatura *engagée*, atribuindo-a aos planos de governo de Augusto.

O estudo superficial que empreendemos sobre Vergílio e as *Geórgicas* revelou-nos um campo imenso a explorar dentro da temática proposta. Não sentimos em relação a obra mencionada, considerando como fizemos o período em que foi escrita, o propalado envolvimento de Vergílio e seu comprometimento com Augusto. Não compreendemos como acusa-lo sem apelo em nome da “crítica”, sem fundamentação em documentação fidedigna e coetânea: seria atitude incompatível com a Ciência moderna.

É preciso compreender o poeta em seu momento, reconhecer seus escrúpulos, seus anseios, sua boa fé, seu ardor patriótico, seu amor à tradição romana, enfim sua alma de camponês. Só poderemos emitir um juízo desapassionado sobre sua obra conhecendo com maiores detalhes sua vida, sua ligação com a sociedade em que viveu, com a legislação, costumes e literatura geral do seu país (48).

Neste Ensaio introdutório à obra de Vergílio, procuramos descobrir estas influências. Elas vieram da tradição que tanto amou, de sua educação campesina refletida nos louvores que faz ao campo nas *Geórgicas*; do meio conturbado pelas “Guerras Civis” em que viveu que o levariam a desejar a Paz, cantada nas *Bucólicas* e que conseguida inspiravam ao poeta e elogio àquele que a trouxera para Roma e a pátria glorificada através da *Enêida*.

Vergílio foi um dos gênios mais completos e harmoniosos da História das Letras. Com seu coração terno e casto, seu amor pelos animais e pelo campo, por toda a natureza, espalhou ternura por tudo que via, e o que via animava para fazer amado (49).

Enquanto para Catão a terra era instrumento de lucro, para Vergílio ela era a “deusa que alimenta”, a mãe de todos os seres.

O poeta vê, compreende todo o círculo da Vida Universal e no entusiasmo de sua Ciência Poética desenvolve o grito que é o da humanidade: *Felix qui potuit rerum concnoscere causas* (50).

As cordas do seu coração vibram pela grandeza de sua Pátria, que chama a mais bela das coisas, (*Serum pulcherrima*). Seus sentimentos e suas lembranças, recobre-os da mais suave poesia.

Nas *Geórgicas*, Vergílio não é somente poeta, ao estudar os ecos distantes do passado, ao recorrer a tantas fontes sobre seu tema, faz também obra de ciência fazendo obra didática (51). Tentou, através da poesia, o que os Gracos tentaram pela lei, reviver o gosto do trabalho e das virtudes rústicas (amor do divino esplendor dos campos, *Divina Gloria Ruris* (52). Na *Enêida* procurou recordar os feitos romanos (*Gesta popoli romani*), revitalizando entre os romanos o culto dos deuses (Deve-se honras aos deuses — esta era a palavra de ordem de Augusto também) e dos heróis da pátria.

(48). — Vide CIRIBELLI (Marilda), *Historiografia na Época de Augusto*, onde defende pensamento idêntico em relação à obra de Tito Lívio.

(49). — DURUY (V.), *Histoire des Romains*. vol. IV, p. 124.

(50). — VERGÍLIO, *Eneida*. IX, 448.

(51). — VERGÍLIO, *Eglogas Y Geórgicas*. Tradução de José Velasco Y Garcia. Glem s/d.

(52). — *IBIDEM*, I, 168.

As *Geórgicas* são o elogio do trabalho santificado pela religião e recompensado pelos deuses, enquanto a *Enêida* a glorificação da monarquia consagrada pela vontade e proteção divina.

Nas *Geórgicas* o poeta transcende seu objeto, o autor expõe sua concepção do mundo e da vida, ao lado do lirismo que transparece nos quadros da vida do campo, repletos de emoção e piedade.

As *Geórgicas* são um poema didático, de profundo lirismo que refletem o pensamento político do autor e que por seus ensinamentos sobre a Agronomia romana são fonte de grande importância para o estudo da Agricultura romana.

* * *

*

BIBLIOGRAFIA.

TEXTOS.

- BILLIARD R.), *Les Georgiques de Virgile*. Paris. Ed. D'Histoire et d'Arts. L. Plon, 1933.
- LEJAY (Paul), *Les Georgiques*. Paris. Hachette, 1915.
- MAYER (Ruy), *As Geórgicas de Vergílio*. Lisboa. Sá da Costa, 1948.
- PARATORE (E.), *Le Georgiche* (L. I e II). Roma. Ed. Scolastiche Mondotori, 1952.
- RAT (M.), *Les Bucoliques, Les Georgiques*. Paris. Garnier, Flammarion, 1967.
- SAINT-DENIS (E. de), *Georgiques*. Paris. Les Belles Letres, 1968.
- VELASCO Y GARCIA (José), *Eglogas y Geórgicas*. Buenos Aires. Ed. Glen. s/d.

OBRAS GERAIS.

- ALBERTINI (E.), *L'Empire Romain*. Paris, Payot, 1970.
- AYMARD e AUBOYER, *Roma e seu Império*. São Paulo. Col. História Geral das Civilizações. Difusão Européia do Livro. V. II. II.
- BELLESSERT (A.), *Virgile, son oeuvre et son temps*. Paris. L.A. Perrin Editeurs. 1949.
- BIELER (L.), *Historia de la Literatura Romana*. Madrid. Ctedos S.A., 1968.
- BIGNONE (E.), *Historia de la Literatura Latina*. Buenos Aires. Editora Losada. 1952.
- BLOCH (G.), *L'Empire Romain*. Paris. Flammarion, 1922.
- CARLO (A.M.), *Historia de la Litterature Latina*. México. F. de Cultura Económica, 1953.

- COOK, ADCOK, CHARLESWORTH, *The Cambridge Ancient History*. Cambridge. (The Augustan Empire). v. x. 1952.
- DUPOY (A.), *Rome et Les Lettres Latines*. Paris. A. Colin, 1946.
- DURUY (V.), *Histoire des Romaines*. Paris. Hachette. v. III e IV. 1881.
- GIANNELLI (G.) & MAZZARINO (S.), *Trattato di Storia Romana*. Edit. Tumminelli. v. I. C.V. 1953.
- GRENIER (A.), *Le Génie Romaine dans la Religion, la Pensée et L'Art*. Paris. Albin Michel.
- GRIMAL (P.), *La Civilisation Romaine*. Barcelona. Edit. Juventud. S.A., 1965.
- GUILLERMIN (A.M.), *Virgile, poète, artiste et penseur*. Paris. Edit. A. Michel, 1951.
- HOMO (L.), *Histoire Romaine. Le Haut-Empire*, Paris. Co'eição Glotz, P.U.F 1941.
- LAVEDAN (P.), *Dictionnaire illustré de la mythologie et des antiquités grecques et romaines*. Paris. 1931.
- LEONI (G.D.), *Literatura Latina*. São Paulo. Edit. Nobel, s/d.
- MARACHÉ (R.), *La Propagande Politique dans la littérature au temps d'Auguste*. L'Information Historique. Paris. J.B. Baillièrre et Fils. 17^o année. Janeiro-Feveireiro 1955.
- PAIS (E.), *Histoire Ancienne (Hist. Romaine)*. Paris. Tomo I. Glotz. P.U.F. 1920.
- PAOLI (U.E.), *Urbs*. Barcelona. Edit. Iberia. 1964.
- PARATORE (E.), *Virgilio*, Firenze, G.C. Sansoni Editore 1954.
- PERRET (J.), *Virgile l'homme et l'oeuvre*. Boavin, 1952.
- PICHON (R.), *Histoire de la Litterature Latine*. Paris. Hachette. 1912.
- ROSTOVITZEFF (M.), *Historia Social y Economica del Imperio Romano*. se. 1955.
- ROSTOVITZEFF (M.), *Historia Social y Economica del Imperio Romano*. Madrid. Espasa Calpe S.A. 1937.
- TENNEY (F.), *Storia Economica di Roma*. Edit. Firenze. 1924.
- TOUTAIN (J.), *La Economia Antigua*. México. Edit. Hispano Americana. 1959.